

SANDRO RICARDO DE FREITAS MENDES

**ASPECTOS NEGATIVOS DA ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE NO
FUTSAL**

**Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de Educação
Física da Universidade Federal do
Paraná.**

**CURITIBA
1996**

SANDRO RICARDO DE FREITAS MENDES

**ASPECTOS NEGATIVOS DA ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE NO
FUTSAL**

**Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de Educação
Física da Universidade Federal do
Paraná.**

Orientador: Iverson Ladewig, PhD

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha, Bruna Fabiana Mendes, motivo de todo meu orgulho e alegria.

Pode-se viver no mundo uma vida magnífica, quando se sabe trabalhar e amar; trabalhar pelo que se ama e amar aquilo em que se trabalha.

Tolstoi

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a contribuição e ajudas de pessoas queridas.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu amigo Adnilton José Caetano pela ajuda e pela noite mal dormida quando precisei imprimir a primeira versão do trabalho.

Aos amigos Douglas Benedito Pereira, Adalberto Fávero, Carlos Eduardo Gasperin e Luciano Martins pelo apoio logístico durante a confecção do material.

Ao professor Iverson Ladewig, amigo e orientador de todas as horas. Que um dia possa retribuir-lhe tudo o que fez por mim.

À minha esposa, Léa Fabiana Rupp Mendes, pelo carinho e companheirismo que, mesmo nos momentos mais difíceis pelos quais passei nos últimos tempos, jamais deixou de me oferecer.

Aos meus pais, Duarte Gomes Mendes e Arlete de Freitas Mendes, por serem quem são.

A vocês, meu muito obrigado!

LISTA DE GRÁFICOS

1. IDADE DOS ATLETAS.....	29
2. PRIMEIRO CONTATO COM O FUTSAL.....	30
3. PRIMEIRO CONTATO COM O ESPORTE ORGANIZADO.....	30
4. CATEGORIA QUE INICIOU NA MODALIDADE.....	31

RESUMO

O objetivo deste estudo é correlacionar a especialização precoce com o abandono e eliminação do esporte de crianças que iniciam no FUTSAL. Para isto foi elaborada uma pesquisa de campo procurando descobrir quantos do contingente dos atletas que atuam no Campeonato Metropolitano Adulto de Curitiba haviam iniciado em categorias inferiores a de 12 anos. Foram entrevistados 61 atletas componentes dos cinco clubes da capital, atuantes no campeonato de 1996. Através dos dados coletados destes atletas foi possível perceber que o FUTSAL é um esporte que ganhou um número grande de adeptos nos últimos anos tendo em vista que uma grande porcentagem dos atletas inscritos na categoria adulta iniciou no esporte na categoria pré-mirim (36% disseram ter iniciado com 9 anos de idade). Muitos clubes tem grande número de atletas com idade abaixo da categoria o que mostra a dificuldade dos treinadores em encontrar atletas adultos, o que prova que o abandono da modalidade é muito grande. O estudo reforça pesquisas anteriores (DEACON,1978; LEITE, 1983; TARGA,1984, CHAVES,1985 e OLIVEIRA,1990), que alertam que para um processo de iniciação desportiva é de fundamental importância que o trabalho seja desenvolvido com caráter recreativo, sem ênfase na cobrança de resultados e respeitando os gostos e limites da criança dentro de seus limites de desenvolvimento orgânico e maturacional

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	v
RESUMO	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 DELIMITAÇÃO	1
1.1.1 LOCAL	2
1.1.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA	2
1.1.3 ÉPOCA	2
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 HIPÓTESES	3
1.4 OBJETIVO	3
1.5 PREMISA	4
2. METODOLOGIA	4
3. REVISÃO DE LITERATURA	4
3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FUTSAL	4
3.2 A CRIANÇA E A INICIAÇÃO PRECOCE	7
3.3 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO - ASPECTOS PSICOMOTORES	11
3.4 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO - ASPECTOS PSICOSSOCIAIS	14
3.5 A CRIANÇA E O “STRESS” DE COMPETIÇÃO	18
3.6 ASPECTOS FÍSICOS E MOTORES DA CRIANÇA NA ATIVIDADE FÍSICA.....	20
3.7 A CRIANÇA E A ATIVIDADE FÍSICA	23
3.8 O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A INICIAÇÃO DESPORTIVA	27
4. RESULTADOS	29
5. CONCLUSÕES/SUGESTÕES	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXO - QUESTIONÁRIO	36

1. INTRODUÇÃO

O FUTSAL é um dos esportes que mais evoluíram e ganharam adeptos nos últimos anos no Brasil e um dos que tem maior número de campeonatos a nível de federação, com várias categorias (faixas etárias). O número de atletas que iniciam na modalidade é muito grande devido a grande quantidade de clubes, associações atléticas e escolas que oferecem a modalidade de forma organizada. Mas por que deste grande contingente de atletas que iniciam nas “escolinhas” dos clubes, poucos chegam a fazer parte das equipes da categoria adulta? Por que vários técnicos afirmam que só conseguem montar equipes até a categoria infanto-juvenil? Por que o número de equipes desta categoria principal é tão reduzido? Será que estes fatos estão ligados à precocidade da iniciação desportiva do FUTSAL? Será que o fato de iniciar cedo na atividade não leva estas crianças a abandoná-la? Como deve ser trabalhada a iniciação desportiva e em que faixa etária?

Neste trabalho procuraremos responder algumas destas perguntas com base nos estudos sobre a iniciação precoce. A especialização precoce é um assunto muito questionado. Alguns estudos revelam resultados assustadores em todos os níveis (físico, psíquico e social) trazendo para a criança conseqüências negativas futuramente. Segundo OLIVEIRA (1990), a prática competitiva durante o período da infância tem se tornado mais popular a cada dia que passa e que competições de esportes individuais e coletivos iniciam por volta dos três anos de idade. O mesmo autor, cita clubes de aptidão física com atividades a partir de seis anos, que facilitam a participação destas crianças com aparelhagens adaptadas, pesos mais leves e máquinas de força.

Esta pesquisa pretende investigar se realmente ocorre o abandono da atividade de treinamento desportivo visando competição pela criança avaliando o trabalho feito nas categorias de base do FUTSAL.

1.1. DELIMITAÇÃO

1.1.1. LOCAL

Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Curitiba, nos clubes que possuem equipes da categoria adulta.

1.1.2. POPULAÇÃO/AMOSTRA

Atletas componentes das equipes participantes do Campeonato Metropolitano Adulto de Curitiba de 1996.

1.1.3. ÉPOCA

Este trabalho foi realizado no período de Julho a Setembro do ano de 1996.

1.2. JUSTIFICATIVA

A importância deste trabalho está voltada a criar subsídios às pessoas que estão envolvidas com o treinamento desportivo, em especial às que trabalham com crianças.

Temos a difícil missão de conscientizar técnicos desportivos que não basta apenas ter conhecimento sobre os fundamentos da preparação técnica e táticas individuais e de conjunto de equipes esportivas, que é essencial buscar conhecimento teórico na psicologia da educação e do esporte, na fisiologia do esforço, na biomecânica,

enfim no estudo do homem, para que estes tenham condições de respeitar seus limites, suas possibilidades e características básicas de comportamento inerentes cada um dentro de suas etapas de desenvolvimento.

A educação do atleta é outro ponto crucial para que este atinja rendimento satisfatório no esporte, sem prejuízo para sua integridade física e mental, transformando-o num instrumento para uma prática saudável da busca de aptidão física trazendo benefícios para sua vida.

1.3. HIPÓTESES

O FUTSAL, assim como futebol é um esporte onde é muito grande o número de treinadores e dirigentes leigos. A falta de conhecimento destes “profissionais” faz com que crianças da mais tenra idade, treinem em busca da performance que direciona à obtenção de resultados positivos em competições de vários níveis. Estes resultados positivos satisfazem os clubes e suas comissões técnicas sem preocupação com a educação para o esporte e o respeito às limitações de seus praticantes.

A falta de um trabalho sério e digno com estas crianças nos faz pensar na limitação dos mesmos. Perdemos assim, muitos atletas que possuem muito potencial, tornando o esporte enfraquecido em suas categorias principais. A perda destes atletas refere-se ao abandono do esporte, onde muitos cansados de sofrer os abusos e sobrecargas do treinamento procuram outras atividades que até então se viam privados.

1.4. OBJETIVO

O objetivo principal deste trabalho é de verificar no contingente de atletas da categoria adulta do FUTSAL de Curitiba, quantos iniciaram nas categorias inferiores

(mamadeira, fraldinha), para fazer uma correlação entre a iniciação desportiva precoce com o abandono da atividade de treinamento desportivo.

1.5 PREMISSA

Partimos da premissa que: quanto mais cedo a criança é exposta a sobrecarga de treinamento mais cedo ela abandona a atividade. CHAVES (1985) afirma que um dos principais fatores do abandono da prática da atividade esportiva é a excessiva ênfase na vitória, a falta de sucesso, não a de participar e jogar, o envolvimento em outras atividades, e outros interesses-desconforto criança, derrota, situações constrangedoras, falta de motivação, contusões.

2. METODOLOGIA

Foram entrevistados 61 atletas participantes do Campeonato Metropolitano Adulto de 1996. Para esta pesquisa de campo foi elaborado um questionário (Ver Anexo I) que foi validado por 3 (três) professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FUTSAL

Segundo LUCENA (1993), A prática do futebol de salão, data da década de 30 onde as peladas de várzea começaram a ser adaptadas as quadras de basquete e pequenos salões. As primeiras regras surgidas foram fundamentadas nas do futebol, basquete, handebol e polo aquático e adaptadas pelo professor Juan Carlos Ceriane da ACM de Montevidéu, com objetivo de ordenar a prática do futebol de salão durante as aulas de Educação Física. Por ocasião de um curso promovido pelo instituto Técnico da Federação Sul Americana de Associações Cristãs de Moços, foram distribuídas cópias destas regras a todos os representantes da América do Sul, e entre eles alguns brasileiros, entre eles: Asdrúbal Monteiro, João Lotufo e José Rothier). O autor (LUCENA ,1993) afirma ainda, que o futebol de salão foi introduzido no Brasil ainda nos anos 30 nas ACM do Rio de Janeiro e São Paulo , e através do entusiasmo e abnegação de alguns acemistas o futebol de salão começou a ser mais divulgado, chegando até os clubes recreativos e escolas regulares, ganhando cada vez mais popularidade. Na década de 40 são uniformizadas as primeiras regras para a prática em todo território nacional. Aproveitando a estrutura organizacional das ACM, foi criada uma das primeiras entidades normativas do esporte. A " Liga de Futebol de Salão do Departamento de Extensão da ACM, responsável pela organização de um campeonato aberto na cidade de São Paulo já com a participação de Clubes recreativos e Associações, estimulando com isso a formação de entidades oficiais e autônomas. Em julho de 1954, é fundada a primeira entidade oficial, a Federação Metropolitana de Futebol de Salão no Rio de Janeiro, e no ano seguinte (Junho de 1955) a Fundação da Federação Paulista, que juntas promoveram os primeiros intercâmbios salonistas no Brasil. Em março de 1958, a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), oficializou a prática de futebol de salão no país, fundando o Conselho Técnico de Futebol de Salão tendo as Federações Estaduais como filiadas possibilitando assim a realização em São Paulo (1959) do primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções, ocasião que o Rio de Janeiro sagrou-se campeão. Nas décadas de 60 e 70, o futebol de salão como desporto ordenado e regulamentado ganhava o continente. Com a fundação da Confederação Sul Americana de Futebol de Salão, congregando quase todos os países da América do Sul, começaram a surgir os primeiros campeonatos Sul Americanos de Clubes e Seleções Nacionais. No início dos anos 70 foi criada a Federação Internacional

de Futebol de Salão (FIFUSA), no Rio de Janeiro, presidida por João Havelange contando com a filiação de 32 países que já praticavam o futebol de salão nos moldes brasileiros. Tem-se o início dos primeiros campeonatos Pan-Americanos e Mundiais de clubes e seleções já nos anos 80. Em 1979, com a extinção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) entidade na qual o futebol de salão estava vinculado, foi fundada no Rio de Janeiro a atual Confederação Brasileira de Futebol de Salão, permitindo a realização de grandes eventos a nível nacional e internacional, contribuindo de forma expressiva para a ascensão do esporte. Em 1993, houve a fusão do futebol de salão com o futebol de cinco (prática reconhecida pela FIFA). Surge então o "FUTSAL" terminologia adotada para identificar esta fusão no contexto esportivo internacional. MUTTI (1994) afirma que o FUTSAL é praticado em mais de cinquenta países dos cinco continentes e já foram realizados cinco campeonatos mundiais. Nos três últimos : em 1989, na Holanda, em Hong Kong em 1992. E em 1996, na Espanha, o Brasil sagrou-se campeão. MUTTI (1994) diz ainda que a grande meta dos dirigentes do FUTSAL no momento é o de torná-lo desporto olímpico. Esta meta diz ele, poderá ser alcançada no ano 2000, na Olimpíada de Sidney, Austrália.

Segundo DUARTE (1995), O objetivo do jogo de FUTSAL é, como no futebol de campo, conduzir a bola até a meta adversária, numa quadra que possui entre 24 e 40m de comprimento por 14 e até 20m de largura. Os pisos podem ser de cimento, madeira, tartã, asfalto, paviflex, sempre limpos e nivelados. A marcação da quadra é muito parecida com a do campo de futebol. Um raio de 4 m marca a área de penalidade. Os gols têm 3m de largura por dois de altura, com traves e redes. Os jogos são dirigidos por um árbitro e dois fiscais de linha, além de registrados por anotador e cronometrista. A bola de futebol de salão é esférica, com cobertura de couro e deve pesar 400g no mínimo, em jogos de adultos (o máximo é de 500g) e 280 a 350g em jogos juvenis. A circunferência da bola deve ter 50cm, no mínimo e 55cm no máximo. Os jogos tem a duração de quarenta minutos em dois tempos de 20, com intervalo de dez minutos e troca de campo.

Em 1995, a FIFA testou na Copa Internacional de Verão, novas regras para esse esporte , que foram aprovadas e estão citadas no Manual de Regras da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (C.B.F.S.) : Nestas novas regras os laterais e escanteios

serão sempre cobrados com os pés, uma primeira idéia inovadora. A retenção máxima da bola é de 4 segundos. O mínimo de jogadores para o início da partida é 4, se uma equipe ficar com 2 jogadores, o jogo é encerrado. O Tiro de Meta será cobrado exclusivamente pelo goleiro com o uso das mãos, não podendo ultrapassar o limite do centro da quadra (bem como, seus arremessos). Nas quadras com largura igual ou superior a 17m a área será de 6m. A bola deverá ter principal e juvenil e o peso terá no máximo 500g e no mínimo 410g. O número de substituições é ilimitado e estas poderão serem feitas com a partida em andamento, na zona de substituição, com exceção do goleiro que só pode ser substituído com a partida paralisada. O cartão azul é eliminado. O jogador expulso pode ser substituído após 2 minutos ou se o time sofrer um gol antes disso. Jogador do banco de reservas que levar cartão amarelo, tem uma falta marcada para si e outra para o seu time. Hoje, o FUTSAL possui 18 regras e há também a "lei da vantagem". Para 1997 estão previstas mais uma série de modificações, que foram utilizadas no Mundial, da Espanha .

Em 1996, a Confederação Brasileira de FUTSAL, criou uma Super Liga, onde participaram as 10 melhores equipes do país, possuidoras dos melhores atletas da modalidade, vencida pelo Internacional de Porto Alegre.

3.2 A CRIANÇA E A INICIAÇÃO PRECOCE

As federações de FUTSAL de todo o Brasil classificam a modalidade num número enorme de categorias, tendo em sua base a idade média em torno de quatro anos de idade. A Federação Paranaense de Futebol de Salão (F.P.F.S.), por exemplo, classifica neste ano (1996) desta maneira suas categorias:

Mamadeira:	nascidos a partir de 1990;
Fraldinha:	nascidos a partir de 1988;
Pré-mirim:	nascidos a partir de 1986;
Mirim:	nascidos a partir de 1984;
Infantil:	nascidos a partir de 1982;

Infanto-Juvenil:	nascidos a partir de 1980;
Juvenil:	nascidos a partir de 1977;
Adulta	nascidos até 1976.

Os filiados a essas federações, clubes e associações atléticas, garantem cada vez mais sua presença em campeonatos de categorias inferiores (mamadeira, fraldinha, pré-mirim e mirim). A participação e possível vitória nestas realizações esportivas torna-se importante à medida que estes resultados satisfatórios divulgam o nome destas entidades, mostrando seu poderio, valorizando dirigentes desportivos, promovendo diretores e ascendendo profissionalmente técnicos e professores de Educação Física. Esta ambição leva muitos treinadores a submeterem crianças a treinamentos de longa intensidade e duração, sem respeitar seus limites, suas possibilidades e ignorando suas características básicas de comportamento inerentes de sua faixa etária. Sabemos que a prática de atividades desta natureza podem trazer uma série de aspectos negativos, ou seja, problemas de ordem fisiológica, psicológica e emocional, determinando deficiências no crescimento e desenvolvimento da criança. Estes aspectos negativos aplicam-se apenas ao treinamento visando o esporte de competição e não a atividade como um todo. Pelo contrário, a atividade física realizada adequadamente, isto é, de forma compatível com as necessidades fisiológicas de cada estágio de crescimento e desenvolvimento é extremamente importante. Segundo, LEITE (1983), uma iniciação adequada é um processo desenvolvido a longo prazo, caracterizado pela estimulação a vivências de experiências múltiplas de movimentos, evidenciando o gesto coordenado e expressivo, consciente e natural, atingido pelo pleno desenvolvimento da noção do esquema corporal, percepção estruturação, espaço temporal e lateralização, o que representa em termos de prática, o envolvimento da criança em atividades ou tarefas que possam beneficiá-las e ao mesmo tempo atender a um rendimento satisfatório e promissor na prática especializada.

Qualquer atividade de iniciação desportiva sistematizada irá expor o atleta à treinamentos de natureza variada. Segundo BARBANTI (1994) “treinamento é a repetição sistemática de tensões musculares dirigidas, com fenômenos de adaptação funcional e morfológica, visando melhora de rendimento” (p. 286).

Estudos sobre o esporte infantil tem revelado que o treinamento sistematizado em idades inferiores a dos 12 anos podem fazer com que os pequenos atletas venham a perder cedo a gosto pela atividade. LIMA (1989) afirma que muitos atletas de grande potencial são eliminados dos esportes por não satisfazerem os critérios de seleção dos clubes e outros abandonam por não suportarem as exigências e rigores do treino desportivo. Para esse autor, os clubes têm como objetivo principal preparar para suas equipes representativas em competições, objetivando os melhores resultados possíveis. Portanto, o clube orienta o desporto para crianças e jovens mais dotados e conseqüentemente possui critérios de seletividade, eliminando aqueles que ainda não atingiram os níveis de desenvolvimento e maturação necessários para um potencial ótimo de desenvolvimento orgânico (COSTA, 1994). Sobre a eliminação esportiva COSTA (1994) faz as seguintes considerações:

é interessante considerar que a eliminação esportiva precoce reprova antecipadamente os candidatos a atleta, pois, os treinadores concluem precipitadamente que os jovens excluídos não são "suficientemente bons" para fazer parte da equipe. Ela continua dizendo que as crianças não podem ser avaliadas com estes critérios, pois, em crianças de 7 a 13 anos verifica-se um processo de crescimento e desenvolvimento com ritmo e alternâncias próprios de cada criança; e uma criança de 12 anos eliminada hoje por não ser "suficientemente boa", pode atingir aos 15 anos níveis de desenvolvimento que lhe permitam vir a ser um excelente atleta. (p.18)

TARGA, citado em CHAVES (1984), comenta o abandono do esporte pela criança em decorrência da cobrança muito grande dos treinadores que muitas vezes as privam das distrações necessárias à sua idade, como passeios, bailes, namorados, cinema, etc. e até mesmo de praticarem um outro esporte, ele atribui este abandono a um fenômeno psicológico que sobrevém pelo sacrifício que lhe impõe o treinamento chamado de "**síndrome da saturação atlética.**"

Veremos a seguir alguns relatos que encontram-se diretamente relacionados com a síndrome da saturação atlética:

Num estudo na Alemanha Ocidental, segundo JOHN apud CHAVES (1985), procurou-se descobrir por que jovens de formação competitiva pioravam ou abandonavam a prática da natação entre os 12 e 15 anos. Foram consultados 600 jovens que em suas

carreiras desportivas estiveram entre os dez melhores nadadores em suas faixas etárias, verificando-se que existe uma correlação entre especialização prematura e desenvolvimento da performance por um lado e o término da carreira prematuramente.

Assim sendo, o autor conclui que: “1. é preciso mudar o atual sistema de competição da natação; 2. especialização prematura, treinamento árduo e desenvolvimento prematuro da performance devem ser evitados”.

Ainda na Alemanha, estudos no atletismo, segundo HIGGINS apud CHAVES (1985), mostraram que se utilizando extensos programas, trabalhos com pesos e sessões técnicas como base do trabalho da criança, não consideravam os níveis de maturidade física e mental das crianças, mas eram, reflexo do orgulho dos treinadores para produzir seus jovens campeões, tendo como conseqüências que estes jamais chegavam à idade adulta em condições de produzir elevadas performances, quando não abandonavam a modalidade antes.

A solução encontrada pela Federação Alemã de Atletismo foi a reformulação dos programas de iniciação com atividades em forma de jogos, atendendo assim, aos anseios da criança e aproveitando seu potencial. A progressão dos programas sempre baseados nos movimentos biológicos naturais que, por coincidência são os movimentos básicos do atletismo: correr, saltar e lançar.

HANNUS citado por CHAVES (1985), relata que na Finlândia após um programa de dez anos onde se procurou incentivar os jovens com a criação de um “ranking” até os 12 e 14 anos, o resultado foi um fracasso. Dos noventa melhores atletas do “ranking” até que completassem 14 anos, nenhum chegou a participar de equipe nacional de 22 e 23 anos.

CHAVES (1985) afirma que vários países como a antiga URSS, os Estados Unidos entre outros tem se empenhado em estudos semelhantes e as conclusões a que chegaram foram as mesmas:

- *para as crianças, as competições sérias não são benéficas;*
- *os treinamentos devem ter caráter geral devendo objetivar um aumento do arsenal de habilidades motoras e não haver uma especialização prematura da modalidade escolhida;*
- *os treinamentos devem ser executados de forma bem livre sendo extremamente importante as atividades em forma de jogos;*

***- devem ser evitadas as tentativas de se desenvolver todo o potencial atlético das crianças cedo;
- as atividades em equipes (jogos coletivos) são importantes para que as crianças aprendam a procurar em um mesmo objetivo em companhia os colegas. (p. 97)***

Levantaremos a seguir alguns elementos da atividade física e examinaremos sob o prisma dos fatores psicomotores, psicológicos e físicos da criança, os benefícios de uma atividade bem ministrada para o aprendizado e os malefícios que se referem ao desempenho para a competição quando a criança ainda não está preparada para a mesma.

3.3 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO - ASPECTOS PSICOMOTORES

No esporte, competição refere-se à disputa entre indivíduos, grupos ou equipes, nações, que são alinhadas antes de acordo com o princípio de chance igual. A disputa é por um ideal simbólico ou valor material que como regra, só pode ser vencido por um dos lados que compete (BARBANTI, 1994).

Para entendermos em que fase a competição pode ser inserida no contexto da criança, devemos fazer uma análise na literatura, com respeito às relações entre seu desenvolvimento psicomotor e os tipos de atividade que lhe deveriam ser apresentadas.

Segundo FARINATTI (1995), a criança de 0 a 2 anos ainda é muito dependente de seus reflexos primários (mamar, preensão, etc.), que vão sendo inibidos progressivamente pelo SNC enquanto outras habilidades fundamentais voluntárias (andar, trepar, etc.) se desenvolvem. Este desenvolvimento não sofre (ou sofre minimamente) influência de treinamento sistemático. Programas estruturados de exercícios não são recomendados para o bom desenvolvimento da criança nesta fase. Deve-se por outro lado oportunizá-las a brincadeiras exploratórias e não estruturadas, com supervisão e ambiente que lhes possam garantir segurança até que tenha maturidade suficiente para possuir independência de movimentação (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS COMMITTEE ON SPORTS MEDICINE, 1988 apud NELSON, 1991). Dos 3 aos 5 anos, FARINATTI afirma que temos uma fase marcada pelo contínuo desenvolvimento

de habilidades motoras fundamentais (correr, lançar, pular, etc.). Aos 4 e 5 anos a criança pode vir a exibir uma diminuição do equilíbrio, referente a integração de dados proprioceptivos e vestibulares (NELSON apud FARINATTI 1995). Isso pode causar insegurança temporária nas habilidades de equilíbrio e postura - a sobrecarga de informações faz com que a criança volte demasiadamente sua atenção para este controle, o que pode inibir o desenvolvimento de habilidades em que haja variações ambientais significativas como, por exemplo, pisos irregulares ou grande número de jogadores. O aprendizado motor nesta faixa etária é ainda afetado por uma baixa capacidade de atenção seletiva. Uma criança de 6 a 7 anos de idade ainda está sob forte influência de estímulos cerebrais impulsivos sem inibição. Isso torna sua capacidade de concentração baixa e suscetível ao prazer momentâneo (LE BOULCH, apud HAHN, 1989). FARINATTI (1995), diz ainda que a criança de 6 a 7 anos tem movimentos oculares imprecisos, relativamente pouco específicos que aliado ao desenvolvimento incompleto dos centros visuais, tende a causar dificuldades ao acompanhamento de objetos em movimento. A falta de maturidade visual, até mais do que a concentração, pode ser a causa da sua inabilidade em, por exemplo, interceptar uma bola em movimento.

É preciso que se altere jogos para respeitar esta peculiaridade do desenvolvimento infantil, como adaptar o tamanho da trave no FUTSAL.

FARINATTI (1995) continua, afirmando que programas desportivos estruturados nesta faixa etária não trazem vantagens a longo prazo para a prática desportiva e sugere que as sessões de treinamento devem ser curtas enfatizando o prazer, a experimentação e a exploração. A competição contra outras crianças pode interferir negativamente no aprendizado, em função da necessidade de decisões rápidas para as quais a criança ainda não se encontra preparada. Além disso, a competição não oferece nenhuma vantagem e deveria ser evitada nesta faixa etária (FARINATTI, in FARIA JR. 1992). Dos 6 aos 9 anos, já encontramos a criança em idade escolar. Seu desempenho ainda é caracterizado pela melhoria das habilidades fundamentais. Habilidades como a corrida atingem rapidamente o padrão quase maduro (pelos 8 anos), seguindo-se um desenvolvimento mais lento até os 10 anos (FARINATTI, 1992). A maior parte das crianças desta faixa etária domina habilidades motoras fundamentais suficientes para progredir nas

habilidades necessárias para a participação em atividades esportivas organizadas (WEINECK, 1986). Seus padrões de equilíbrio e postura estão praticamente amadurecidos pelos 7 anos, com gradual melhora até o seu período pubertário (NELSON apud FARINATTI, 1995). Manter o equilíbrio torna-se algo automático, permitindo maior atenção para o domínio de outras habilidades, como lançar, correr ou agarrar. No entanto devido a impulsos subcorticais ainda intensos, não é uma idade em que devemos exigir fixação de gestos técnicos específicos, mas trabalharmos visando uma base psicomotora, evitando a especialização (HIRTZ apud FARINATTI, 1995). DEMETER citado por WEINECK (1986) sugere que as atividades propostas a crianças nesta faixa etária deveriam ser muito repetidas e sedimentadas pouco a pouco, de modo a garantir-se uma permanente sensação de êxito.

Daí até o início da puberdade teríamos a melhor idade para a aprendizagem com elevado domínio corporal em função da maturação morfológica do aparelho labiríntico (DEMETER, apud WEINECK, 1986). Dos 10 aos 12 anos, ambas habilidades fundamentais e específicas tem uma melhora, enquanto que as posturais tem atingem praticamente a plena maturidade (NELSON apud FARINATTI,1995). O crescimento irregular e não harmônico dos segmentos corporais durante esta fase pode requerer ajustes temporários na interpretação de sinais proprioceptivos, resultando no conhecido desajeitamento do adolescente. Neste estágio de desenvolvimento, além da grande necessidade de movimento, assim como firmeza e aceitação de risco, há muito interesse por atividades competitivas (WEINECK, 1986). A maioria das crianças já tem capacidade de competir em atividades complexas, mas deve-se evitar práticas demasiadamente orientadas e principalmente, aprendizagem errônea de movimentos, de difícil correção posterior (FARINATTI, 1995).

HEPP, citado por LEITE (1983), estudando a atividade física em crianças de dez a quatorze anos conclui que a Educação Física e os esportes, aplicados adequadamente nesta época da vida, tem a mais decisiva importância para o desenvolvimento ontogenético do organismo humano. Nesses anos de vida, formam-se e desenvolvem-

se os fundamentos da saúde, capacidade e raciocínio do indivíduo. As negligências cometidas durante esta etapa jamais poderão ser separadas ou recuperadas (p. 06).

3.4 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO - ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

Os fatores de estimulação bio-psico-social são considerados de grande importância no crescimento e desenvolvimento da criança. É preciso considerar que eles estão inseridos na prática desportiva vivenciada pela criança e que podem se manifestar de maneira positiva ou negativa. Segundo, LEITE (1983), sabe-se que a partir dos sete anos de idade a criança adquire estrutura cognitiva, bem como encontra-se efetivamente predisposta a iniciar jogos de regras, como também os que exigem cooperação. Estes jogos permitem uma situação mais favorável ao desenvolvimento, quando tem a dupla qualidade de serem lúdicos e exclusivamente infantis, devendo ser de caráter espontâneo, para que possam permitir o desenvolvimento da social entre as crianças. Define-se lúdico **“...o que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimento”** (BARBANTI, 1994, p.183).

LEITE afirma ainda que nesta faixa etária (7 anos), as crianças preferem as atividades que implicam em imaginação, imitação, tensão contínua e pensamentos abstratos. A atividade física realizada pela criança deve ser feita livremente e não sob pressão para assegurar mais tarde a aceitação de responsabilidades e de regras. Quanto maior for a variedade de habilidades básicas empregadas num simples jogo, maior o prazer resultante e maior o seu valor educacional.

Um interessante estudo de WANKEL e KREISEL (apud CHAVES, 1985) a respeito das experiências esportivas das crianças de ambos os sexos, fornece conteúdo para reflexão sobre a maneira diferente de como o esporte é visto pelas crianças em relação aos adultos. Neste estudo foram distribuídos questionários para mais de 1.500 crianças, as quais respondiam às perguntas sobre o que gostavam ou não nas experiências esportivas, fatores importantes para a continuação ou abandono da carreira,

recomendações para melhorar o esporte. Os autores concluíram que elementos tais como: “jogar bem”, “emoções do esporte”, desenvolver habilidades, testar habilidades , etc., foram os aspectos de maior agrado. Já os aspectos como: procurar recompensa e vencer, foram de pouca importância e que com respeito à percepção desta importância de diferentes ênfases, encontraram que “ fazer bem”, “fazer correto”, “ter alegria”, foram consistentes, todos considerados de maior importância, enquanto “vencer” foi indiscutivelmente considerado como menos importante.

Assim observa-se que a criança tem uma maneira bem particular de encarar o esporte. Sua estrutura mental não está apta a aceitar atividades demasiadamente sistemáticas, regras rigorosas, imposição dos treinadores, etc. Elas necessitam de maior liberdade e assessoramento para que, ao chegarem na idade adequada de se especializar , suas mentes não estejam saturadas e seus corpos despreparados, fazendo que assim elas não assimilem as cargas aplicadas ou abandonem suas modalidades. Pelo contrário, tendo sido feito um bom trabalho de iniciação, os jovens estarão ansiosos para receberem atividades em níveis mais elevados (CHAVES, 1985).

Para ROSADAS (1985), a iniciação desportiva especializada deve ser introduzida, quando a criança puder equilibrar sua tensão psíquica e muscular. A iniciação desportiva precoce, em princípio, Não é recomendável. Acha-se condenável a prática esportiva abaixo da terceira infância, pois o caráter normativo, regrado, disciplinado da atividade desportiva se opõe à gratuidade e à descontração autotélica das crianças mais novas.

A Academia Americana de Pediatria (A.A.P.) contra-indica competições esportivas na faixa etária de dez a doze anos por causa de heterogeneidade de maturação, o que pode provocar acidentes e em razão de prejuízo emocional causados àqueles mal sucedidos no esporte (OLIVEIRA, 1990).

A criança que não está preparada para a competição poderá ter um nervosismo fora do normal, que trás como consequência uma série de erros, aumentando o peso das sensações negativas, como por exemplo, o medo. Daí advém uma série de alterações, aumento da frequência cardíaca e pressão arterial, aceleração do ritmo respiratório e aumento da tensão muscular.

Segundo, DEACON, citado por LEITE (1978) , algumas crianças iniciadas precocemente em determinadas práticas desportivas se desgastam cedo e se desiludem a respeito da atividade física (síndrome da saturação desportiva), demonstrando, às vezes, aversão à sua prática, quando deveriam estar no auge. Outros ainda lutam por algo que está fora do seu alcance, por falta de habilidade. Diversos sintomas aparecem em virtude do intenso "stress" : vertigens, tiques, sonhos agitados, diarreias, vômitos, dificuldades na aprendizagem e memorização, além de transtornos de caráter.

A prática competitiva durante o período da infância tem se tornado mais popular a cada dia que passa.

Segundo NEGRÃO (1980), em nosso país, a cada dia que passa as competições esportivas para crianças tem um destaque maior. Em outras épocas comemorava-se o “dia da criança” com festas, demonstrações e jogos recreativos típicos, hoje, vemos muitas vezes, estas atividades substituídas por competições esportivas organizadas (com regras, premiações, etc.) . Os veículos de comunicação, emissoras de rádio, de televisão, jornais e revistas, não têm deixado de divulgar e incentivar tais competições passando muitas vezes a patrociná-las.

OLIVEIRA (1990), relata que a competição nos esportes individuais e coletivos iniciam por volta dos três anos de idade e que crianças tem procurado clubes de aptidão a partir dos seis anos. Esses clubes afirma, têm oferecido facilidades para essa participação, como aparelhagens de tamanho reduzido, pesos mais leves e máquinas de força. OLIVEIRA (1990) afirma ainda que a Dança e a Ginástica Olímpica, têm oferecido programas de movimento, organizados para crianças da mais tenra idade.

Para OLIVEIRA (1990):

A atividade física é necessária para o desenvolvimento saudável do corpo, bem como para o crescimento psicológico e emocional. As crianças que aprendem gestos técnicos desportivos tendem a gostar de sua prática , levando-a até a idade adulta. Esporte e atividade física podem se tornar um hábito para a vida adulta, em especial se essas atividades forem fontes de prazer e alegria nos períodos anteriores de seu desenvolvimento (p. 08).

A participação em competições atléticas e esporte organizado tem se mostrado como uma das principais características da infância e adolescência ao redor do mundo. MALINA, citada por FIORESE (1989), observou em seus estudos que muitas comunidades desenvolvem alguma forma de competição atlética para meninos e meninas, freqüentemente se iniciando por volta dos seis anos de idade. Também as escolas tem estimulado essa prática ainda no 1º grau, e se estabelecendo como uma das principais atividades do 2º grau. Além disso, a freqüência com que jovens vem participando em competições internacionais tem aumentado consideravelmente. Para a prática do desporto é necessário que a criança tenha uma certa maturação e uma motivação para a aprendizagem.

A maturação é o mais importante fator para a prática do jovem atleta. GAGNE apud OLIVEIRA (1990) Agindo em interação com o meio ambiente, a criança assimila novas informações e novas experiências em sua estruturas cognitivas.

O fator motivacional deve também ser levado em consideração. Teóricos da motivação como SCOTT (1962), MAGGIL (1982) e MALINA (1991) concordam que a aquisição de habilidades motoras torna-se impossível, a não ser que o aprendiz queira aprender. Logo, torna-se necessário que as atividades a serem desenvolvidas com as crianças tenham um real significado para elas. Se essa aprendizagem é significativa, ela tem objetivos pré-determinados, respeita as diferenças individuais, atende interesses e gera motivação (OLIVEIRA,1990).

CHAVES (1985), afirma que um dos principais fatores do abandono da prática de atividade desportiva é a excessiva ênfase na vitória. a falta de sucesso, não a de participar e jogar, o envolvimento em outras atividades, e outros interesses-desconforto, derrota, situações constrangedoras, falta de motivação, contusões.

ANSHEL, apud CHAVES (1985), acrescenta que o fato de reforçar a comparação entre crianças de diferentes níveis, falta de conhecimento de suas capacidades e baixo nível, de motivação interna, são fatores que explicam a fuga desses jovens atletas dos programas onde os mesmos se encontravam participando. Por outro lado, alguns autores , como SIEDENTOP e RAMI, citados por NAHAS (1981) mostraram que a persistência no reforço à premiação (medalhas, troféus) constitui-se na

motivação externa, e tende a tornar o jogo numa forma de trabalho. A falta ou ausência de motivação interna torna-se preponderante nos motivos que levam o jovem a se retirar dos campos esportivos.

Para a criança, a experiência " em si mesma " é suficiente para sentir bem com a relação à performance de algumas tarefas motoras. Recompensas externas e metas maiores não são necessárias para a sua motivação. De forma triste, pais e treinadores, freqüentemente sem ter plena consciência do que estão fazendo, reforçam as recompensas e premiações externas. Acredita-se que é importante determinar em primeiro plano, como a criança percebe as razões pela premiação, já que o uso seletivo de premiações no esporte parecem trazer benefícios aos jovens atletas, em especial visando aumentar sua motivação interna. No entanto, é evidente que as crianças podem sentir-se estimuladas e incentivadas à prática de esportes, mesmo na ausência de reforços e premiações externas.

Segundo McPHERSON, citado por NAHAS (1981) diversos fatores podem influenciar o comportamento da criança, no seu processo de interação com o meio social:

o núcleo familiar, pela influência de pais e irmãos; seus parentes mais próximos; sua escola, pelo exemplo dado por professores e técnicos; pela igreja, em especial quando estipula a prática desportiva; pelos clubes esportivos, envolvendo técnicos, pais, colegas e árbitros, desempenhando sua função social; através de grupos de amigos e vizinhos e através dos meios de comunicação, cada vez mais abrindo espaços para a transmissão de grandes eventos, ou envolvendo a prática de atividade física (p. 02).

Apesar do grande número de fatores que podem influenciar na criança o gosto pela prática da atividade física , do movimento orientado e de esportes organizados, muitas vezes podem estar levando a criança à uma situação de "stress", em especial quando intensa competição e ênfase na vitória são realçados.

3.5 A CRIANÇA E O "STRESS" DE COMPETIÇÃO

DEACON (1975), afirma que o esporte competitivo deveria ser proibido para crianças com menos de 12 anos, pois o maior perigo, segundo esse autor está nos pais que superestimulam as crianças a participar de competições. STANIFORD, citado por NAHAS (1981), não concorda com a existência das competições formais para crianças em idades pré-púberes (12 a 14 anos), devido a falta de preparo da criança para enfrentar o fracasso. O medo de errar, de falhar na execução de gestos técnicos esportivos, ou de perder o jogo, se apresentam como fatores que tendem a propiciar o "stress" de competição em crianças. SCANLOW, apud OLIVEIRA (1990), cita o "stress" de competição como uma reação emocional negativa de uma criança, quando sua auto-estima é ameaçada, baseada nas percepções de impotência da criança em atender as demandas da performance esportiva e possíveis conseqüências de falha ou derrota. O medo de errar é a causa mais comum de "stress" de competição. Ele tende a aumentar com a idade sendo bastante visível aos doze anos de idade nas crianças, coincidindo com o período em que o abandono da prática desportiva competitiva atinge seu limiar máximo. A criança no esporte tem receio de errar, principalmente em função da importância que os adultos depositam sobre a vitória, o sucesso, o resultado final do jogo.

Estudos de GOULD, apud OLIVEIRA (1990), apontam para a importância de verificar se o atleta é melhor nos treinos e na prática, do que na situação real do jogo; se as crianças estão tendo problemas de insônia, sentindo-se " perdidas " antes do evento competitivo; se elas apresentam fortes mudanças de personalidade antes da competição, ou reclamam de doenças na noite anterior ao jogo.

A participação da criança na prática esportiva é para combater o "stress" de competição, deveria-se colocar menos ênfase na performance, na vitória a todo custo e em comparar as habilidades esportivas entre os atletas. Logo, deveria-se dar mais atenção ao ensino de habilidades motoras e esportivas, enfatizando mais o aspectos cognitivos e aos princípios de lealdade, perseverança e trabalho como meio de melhoria do desempenho, procurando também uma boa interação entre a criança, os seus pais e o treinador, que lhe possibilite condições favoráveis para uma prática esportiva saudável e equilibrada.

3.6 ASPECTOS FÍSICOS E MOTORES DA CRIANÇA NA ATIVIDADE FÍSICA

Para NAHAS (1981), o desenvolvimento de diversas porções do corpo humano se faz através de etapas e alternâncias. O crescimento do esqueleto e a ossificação definitiva das extremidades epifisárias, por exemplo, não se dá concomitantemente com o desenvolvimento muscular esquelético. O mesmo autor (NAHAS, 1981), diz que isto torna o organismo em desenvolvimento vulnerável a certas lesões epifisárias que podem acarretar perturbações no crescimento normal. Da mesma forma os órgãos e funções orgânicas não se desenvolvem em períodos e proporções idênticas, existindo fases de discrepância total no crescimento e maturação de diferentes partes corporais.

Os estudos sobre os efeitos dos esportes altamente competitivos sobre o crescimento apresentam muitas controvérsias. No entanto, NAHAS (1981), afirma que a questão crítica se refere à quantificação e ao tipo de atividade para que se isente o praticante de riscos sérios.

Para DEACON, citado por LEITE (1983), a sobrecarga pode ser definida como um estado físico mental do qual o indivíduo pode ou não estar consciente, que se produz por um peso excessivo de uma parte do corpo, em sua totalidade, mas além de suas reservas particulares.

DEACON apud LEITE (1983) diz ainda que o trabalho muscular intenso e excessivo pode ocasionar perturbações no desenvolvimento normal da criança, principalmente no ritmo do crescimento em estatura e no desenvolvimento somático e funcional. Assim, quando o treinamento desportivo for intenso, poderão instalar-se perturbações no aparelho locomotor, pela resistência desproporcional, entre a parte óssea e a hipertrofia muscular desenvolvida, além de alterações estruturais nos ossos e do aparelho capsuligamentar das articulações.

Segundo LEITE (1983):

a aplicação de sobrecarga nos jovens em idade de crescimento é contra-indicada por motivos básicos, pois, o crescimento encontra-se em sua fase evolutiva, e o risco do aparecimento de fadiga e lesões subsiste nas zonas de crescimento que situadas nos ossos longos entre a parte tubular e as apófises articulares, e a base de importantes saliências ósseas, servem de ponto de inserção para os tendões e formam igualmente

a placa de cobertura das vértebras. O efeito de pressões sobre estas regiões pode ocasionar deslocamentos, degenerando em inflamações crônicas, esmagamentos, fissuras das placas de cobertura que influem de forma irreversível sobre o crescimento. A estrutura óssea da criança não está preparada para suportar uma exigência muito grande do sistema muscular, estando sujeita a lesões. Com a participação de pré-adolescentes em competições organizadas, uma consideração da lesão epifisária, mais freqüente causada por traumatismo na forma de fratura, pode levar a uma irregularidade ou parada de crescimento(p. 05).

Segundo ARCELLI, apud FIORESE (1989), as situações de tensões que ocorrem durante o período de crescimento acelerado dos jovens constituem o ponto fraco ou vulnerável do desenvolvimento infantil, período em que estão mais expostos a lesões, por causa de sua maturidade física. Neste mesmo estudo ARCELLI afirma que a capacidade de carga do aparelho de sustentação e locomoção e dos seus componentes depende de muitos fatores . Sua determinação até agora não foi possível nem para os diversos componentes (tendão, cartilagem, cápsula articular e músculo), nem para a soma deles. A afirmação de ARCELLI, apud FIORESE (1989), é válida principalmente para o esporte competitivo em que os jovens estão sujeitos a uma prova máxima de esforço atingindo os limites da sua capacidade de rendimento. Considerando que determinados tipos de lesões podem ocorrer durante uma competição, suas prevenções dependem em parte de um conhecimento dos elementos, distribuição somática do corpo, assim como da qualidade e natureza das forças aplicadas.

A utilização prática destes conhecimentos é *corroborada* por RASCH e BURKE, citados por LEITE (1983), afirmando que em todo programa de treinamento devem ser descartadas as posições extremas de agachamento, as flexões e extensões completas e forçadas da articulação do joelho, em virtude do papel que podem desempenhar na produção de uma instabilidade ligamentar nos joelhos. Estes autores dizem ainda que se não fosse o mecanismo de alerta do nosso corpo, que atuando como "válvula de segurança" revertendo em pequenas dores locais os efeitos de uma sobrecarga, os danos físicos seriam bem maiores. O ponto mais fraco de toda uma cadeia suscetível de lesões encontra-se nas uniões músculo-tendinosas, inserções dos tendões ou ligamentos nos ossos e principalmente as epífises, que estão atuando no "centro do crescimento ósseo", com irrigação sangüínea, sendo mais suscetíveis de sofrerem lesões

do que as diáfises. Uma atividade muscular excessiva pode provocar uma lesão das epífises, por causa da desigualdade maturacional entre ossos e tendão, ou por produzir distúrbio na irrigação sangüínea, traduzindo-se em uma necrose valvular. Isso levando-se em consideração o fato de os jovens não crescerem de maneira uniforme, determinado por períodos que o crescimento acelerado dos ossos altera-se com períodos mais lentos, e por certa desigualdade no ritmo de crescimento dos diversos sistemas corporais, ósseo e tecido.) O sistemas vascular e respiratório podem também apresentar perturbações funcionais e de desenvolvimento. Mesmo em se tratando de desenvolver a resistência, treinamentos aplicados precocemente, visando desenvolver resultados, podem trazer danos, limitando de modo irreversível o sistema cardiovascular (RASCH e BURKE, apud LEITE, 1983).

De acordo com os dados referenciados dos autores: NEGRÃO (1984), DEACON (1984), OLIVEIRA (1990), MALINA (1984) e mais uma vez caracterizando a prática especializada precoce como procedimento estruturado com base num trabalho anaeróbico, de força e velocidade para serem atendidas as necessidades, previne-se que nestes termos o trabalho é totalmente contra-indicado e prejudicial ao indivíduo na fase de crescimento e desenvolvimento, limitada na infância e pré-adolescência e por isso reafirmado nas seguintes considerações: o desenvolvimento da resistência anaeróbica exige um esforço elevado, causando à criança certas implicações não compatíveis com seu desenvolvimento fisiológico normal, tais como: “ 1. hipertrofia das paredes do coração o que provavelmente limitará seu potencial cardiovascular máximo; 2. grande exigência muscular.”

Com relação à força LEITE (1983), diz que a criança não está capacitada a assimilar um trabalho deste tipo pois:

- *suas condições hormonais não estão definidas;*
- *há grande exigência do desenvolvimento das fibras musculares, limitando o desenvolvimento longitudinal, que tem implicações diretas no crescimento;*
- *predispõe a um aumento de resistência vascular periférica, que poderá resultar futuramente numa hipertensão arterial;*
- *a estrutura óssea não está desenvolvida suficientemente para suportar uma solicitação mecânica da natureza (p. 47).*

Com relação à velocidade, podemos dizer que embora a maturação muscular esteja completamente definida, está em nível superior à maturação óssea, e com isso poderemos ter com movimentos rápidos, problemas nas inserções musculares. (LEITE, 1983)

3.7 A CRIANÇA E A ATIVIDADE FÍSICA

Segundo GUEDES (1993), a atividade física propicia um desenvolvimento geral de toda a potencialidade da criança e, ao mesmo tempo formará a base para um treinamento esportivo mais específico. Os benefícios da atividade física para a saúde de pessoas adultas, é o ponto considerado para a proposição de mudanças na Educação Física infantil. Segundo BERLIN, e COLDITZ, citados por GUEDES (1993), a falta de atividade física é um dos fatores de risco mais importantes para o desenvolvimento de doenças degenerativas, como distúrbios cardiovasculares, obesidade, hipertensão, diabetes, etc.. Alguns estudos tem indicado, experimentalmente, que crianças e jovens mais ativos tendem a apresentar níveis menores de pressão arterial (MONTROYE, apud GUEDES (1993), altos níveis de colesterol HDL-C (lipoproteína de alta densidade) com a diminuição do colesterol LDC-C (lipoproteína de baixa densidade) THORLAND e GILLIAN, citados por GUEDES (1993), e baixa quantidade de adiposidade corporal (BECQUE et al, apud GUEDES (1993). Altas quantidades de conteúdo de cálcio e conseqüente menor perda deste componente químico, podem ser promovidos pela atividade física regular (CHESTNUTT, apud GUEDES (1993), desse modo a osteoporose em idades mais avançadas, pode ser amenizada, senão prevenida. Alguns pesquisadores acreditam que o desenvolvimento da força muscular e flexibilidade nas idades mais precoces poderá prevenir dores lombares e outras lesões na idade adulta (JOPLING apud GUEDES, 1993).

A Educação Física não pode ser ativa só no período da infância, mas também em todas as outras fases da vida. Para um treinamento futuro, a criança deve ter domínio dos

movimentos considerados básicos, pois estes tornam a criança apta a organizar da melhor forma possível uma composição complexa de qualquer movimento. Ao mesmo tempo, aprenderá mais rapidamente aquele que tiver grande variedade de experiências a nível de habilidades motoras básicas. Portanto, torna-se importante um trabalho, na iniciação desportiva, que leve em consideração os requisitos citados, para que a criança alcance um nível de desenvolvimento motor que capacite a rápida e fácil aprendizagem dos movimentos esportivos mais complexos.

A iniciação desportiva é o primeiro contato da criança com o desporto em questão. Suas regras, fundamentos, movimentações vão sendo aos poucos apresentados de maneira simples e num nível de inteligência compatível com a capacidade do iniciante. Possui características que o afastam do plano unicamente recreativo tanto como do esporte competitivo que almeja resultados imediatos.

A proposição da educação em geral é ajudar cada criança a desenvolver o seu potencial da melhor maneira e o máximo possível. O movimento bem orientado, segundo GALLAHUE (1982), CORBIN (1969) e KIRCHNER (1981), apud GUISELINI (1984), citados por MATTOS (1988), é visto e comparado como de importância fundamental para o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança num todo integrado. Por outro lado, diversos profissionais da área de Educação Física, e, mais especificamente, os que atuam diretamente na área da iniciação desportiva, deparam com uma realidade contrária a este conceito, mas comum em relação às crianças que vão iniciar no desporto: a falta de uma experiência básica anterior, que proporcione o suporte para o que pretende trabalhar.

A falta desta experiência dificulta a obtenção de bons resultados na aprendizagem das técnicas desportivas específicas de cada desporto e sua correta associação nas várias situações de jogo, mesmo que de forma simples.

Segundo BARBANTI (1979), GAYA (1979), HEGEDUS (1977), GODFREY e KEPHARD apud FLINCHUM (1981) e LAWOTHER (1978), citados por MATTOS (1988), aprenderá mais rápido aquele que tiver um número maior de experiências motoras, uma melhor formação multilateral e um alto nível de qualidades físicas básicas. Para isso, torna-se importante todo um trabalho visando um completo desenvolvimento

das habilidades fundamentais ou motoras básicas da criança. De acordo com FLINCHUM, citado por MATTOS (1988), habilidades motoras básicas ou fundamentais são atividades motoras comuns, com uma meta geral, são elas : equilibrar, rolar, bater, saltar, correr, lançar, trepar, puxar, pendurar, etc.. Um bom desenvolvimento destas habilidades proporcionará na criança um domínio corporal através de atividades orientadas de forma progressiva.

Segundo MATTOS (1988) a partir do domínio das habilidades fundamentais pode-se começar a estimular a criança a combinar as diversas formas de movimento de maneira que se aproxime, progressivamente, dos movimentos considerados técnicos complexos. Por exemplo: as habilidades correr e lançar podem ser combinadas ao arremesso no handebol. Mais adiante podem ser incluídos os saltos e outras habilidades específicas do voleibol, basquetebol, handebol etc.. Obviamente que ainda sem a perfeição do gesto técnico. MATTOS (1988) afirma ainda, que as habilidades motoras de base servem como suporte para habilidades combinadas, que por sua vez são fundamentais para o ajustamento e aprendizado das técnicas específicas, próprias de cada desporto. Além disso através desses movimentos simples e de sua combinação desenvolve-se a capacidade motora da criança, eixo fundamental do rendimento esportivo.

O completo desenvolvimento dos componentes da capacidade motora é chamado por MEINEL, apud MATTOS (1988), de mobilidade esportiva que outros autores denominam destreza.

NAHAS (1981) destaca três capacidades gerais dentro da destreza para o desenvolvimento da mesma:

- *capacidade de controle ou direção motora: todos os processos envolvidos no domínio de tarefas motoras complexas, de difícil coordenação;*
- *capacidade de adaptação e transformação motora, aqui estão incluídas a agilidade, velocidade de reação e decisão e antecipação. Seria a capacidade do indivíduo colocar-se no "lugar certo" no "tempo certo", no estímulo recebido;*
- *capacidade de aprendizagem motora: aqui estão envolvidos o tempo apreensão, do tratamento e da armazenagem de informações (03 p.)*

MATTOS (1988) afirma haver dois momentos em que as habilidades motoras e capacidade motora se inter-relacionam. Primeiro, em decorrência das diversas

experiências a nível de habilidades motoras, desenvolve-se de forma gradativa a destreza, como se viu anteriormente. Segundo, a destreza ou o completo desenvolvimento da capacidade motora da criança, facilita a aprendizagem de habilidades cada vez mais complexas. Segundo MEINEL apud MATTOS (1988), a aprendizagem de habilidades motoras no esporte dependerá de certos requisitos importantes: “ 1. condições externas: condições básicas para a aprendizagem em si. (Correto ensino das técnicas, condições ambientais, outras); 2. condições internas: nível motor inicial e motivação. Portanto, para que se alcance o objetivo da iniciação desportiva sem especialização torna-se de fundamental importância um trabalho que seja efetivamente, aquele que proporcione à criança o suporte necessário a qualquer trabalho mais complexo e específico. Este trabalho deverá ser fundamentado na psicologia da educação e na fisiologia do esforço para que dentro de cada fase de desenvolvimento da criança e sejam corretamente todas as qualidades motoras.

Para TUBINO citado por FIORESE (1989) as qualidades motoras e seus períodos de desenvolvimento são: a) Velocidade: inicia-se bem desenvolvida aos 5 anos e diminui até os 20 anos; b) Força: pouco desenvolvida aos 5 anos aumentando gradativamente até os 20 anos ;c) Destreza: é bastante desenvolvida ao 5 anos e diminui até os 20 anos;4); d) Resistência: vai aumentando gradativamente a partir dos 5 anos de idade (p.24)

TEIXEIRA e PINI, citados por FIORESE (1989) fazem uma classificação das fases da criança e indicam atividades aconselháveis as mesmas:

1ª Fase: Pré-escolar (2 a 7 anos)

- ***Característica: Fase de aquisição e rápido aperfeiçoamento das primeiras formas de movimento.***
- ***Desenvolvimento das qualidades motoras: velocidade desenvolve-se menos nesta idade. Força completamente desaconselhável. Resistência - pequena.***
- ***Modalidades Esportivas indicadas: patinação, natação, corridas.***

2ª fase: Escolar (7 a 10 anos)

- ***Característica: Fase de rápidos progressos no desenvolvimento da motricidade. Idade das primeiras performances.***
- ***Desenvolvimento das qualidades motoras: os hábitos motores naturais e de base aperfeiçoam-se. As ações de grande intensidade é desaconselhável.***
- ***Modalidades Esportivas indicadas: natação, judô, corridas.***

- **3ª Fase: Adolescência Pré-Puberal (10 a 12-14 anos)**
- **Características: Fase de melhor aprendizagem, interesse pela atividade desportiva.**
- **Desenvolvimento das qualidades motoras; os jovens dominam bem a flexibilidade e o ritmo. Desenvolvimento da força e da velocidade em regime de resistência.**
- **Modalidades Esportivas indicadas: a iniciação desportiva especializada é bem recebida. Deve haver avaliação da evolução orgânico-funcional.**
- **4ª Fase: Adolescência Puberal (12-14 a 14-16 anos)**
- **Característica: Fase de reestruturação das habilidades e capacidades motoras.**
- **Desenvolvimento das qualidades motoras: os exercícios de força e resistência têm plena aplicação. Desenvolvimento neuro-psicomotor é completo.**
- **Modalidades Esportivas Indicadas: Ginástica e esportes em geral.**
- **5ª Fase: Adolescência pós-puberal (14-16 a 18-20 anos)**
- **Característica: fase de estabilização da individualização acentuada e da diferenciação específica dos sexos.**
- **Desenvolvimento das qualidades motoras: praticamente não há nenhuma limitação para a prática intensa no esporte.**
- **Modalidades Esportivas Indicadas: Algumas modalidades desportivas se adaptam melhor ao organismo jovem (p.27).**

NAHAS(1981), classifica as fases da criança da seguinte forma:

A fase I que seria de 0 a 4 anos, a fase II de 4 a 8 anos e a fase III de 9 a 10 anos ocorre o desenvolvimento dos padrões motores gerais por meio de atividades naturais, simples, chamado de educação do movimento.

O período que vai de 10-11 a 14-15 anos seria a iniciação desportiva geral, com proporções reduzidas, as atividades adaptadas poucos complexas.

De 14-15 a 18-19 anos teríamos a iniciação esportiva especializada, o desporto formal de competição.

A partir daí se entraria no desporto de alto nível.

A característica da atividade determina se a especialização deve ser retardada ou não (p.04).

3.8 O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A INICIAÇÃO DESPORTIVA

“O educador, coloca a estimulação bio-psico-social , nutrição, herança e atividade física como fatores importantes no crescimento e desenvolvimento”(MARCONDES (1978)

Se o indivíduo dispõe da capacidade motora até mesmo na vida intra-uterina, é preciso que esta capacidade seja estimulada de forma conveniente a partir dos primeiros meses de vida, sabendo-se ser ela fator de influência positiva no crescimento.

Para DIEM, apud GUEDES (1993) a conveniente motivação para essa orientação e coordenação das atividades motoras (sejam físicas ou psíquicas) pode ser reforçada desde muito cedo" e exemplifica isso citando a natação, afirmando que " qualquer recém nascido é capaz de se locomover dentro da água. Seus movimentos de deslocamento ascensional ou de rastejar horizontalmente aí aparecem coordenados, como típica de batimento (dogpodlle), tal como o que observa nos cães quando nadam.

O profissional deve estar ciente quanto a precocidade e iniciação desportiva, que não é de capital importância que a criança se especialize desde cedo, copiando técnicas específicas aprimoradas. Ao contrário, é muito mais importante que se enfronte nos jogos que ofereçam certa riqueza de variantes e adquiram , por meio deles, uma noção correta e completa dos possíveis aspectos qualitativos e diferenciais envolvidos na atividade, de forma que favoreça a instalação de padrões motores.

Segundo LE BOULCH, apud GUEDES (1993), a estruturação da prática desportiva deve fundamentar-se respeitando dois grandes períodos: a infância caracterizada pelo estabelecimento da organização psicomotora, identificada como período de estruturação da imagem do corpo e pré adolescência e adolescência, caracterizada pelo aumento dos fatores de execução, que uma dimensão mais intensa à agilidade motora. Ainda chama a atenção para os perigos da orientação atual, dirigida a uma especialização precoce, repercutindo no equilíbrio da personalidade.

Para Trindade (1990):

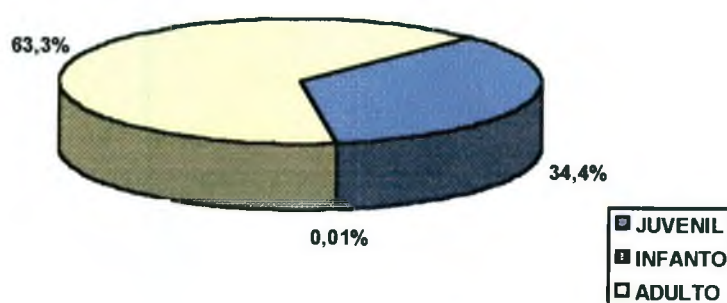
Deve ficar claro para o educador que o uso mais eficiente do valor adaptado da aprendizagem é fazer com que a instrução acompanhe o nível de desenvolvimento da criança, ou seja, não exigir que as crianças aprendam habilidade específica, antes que tenham desenvolvido capacidades específicas de pensamento lógico que são pré-requisitos para compreensão daquela habilidade específica. O educador deverá induzir algumas situações a serem exploradas pelas crianças e a partir daí tentar acompanhar as crianças em suas descobertas orientando as vivências que se apresentaram espontaneamente. O educador deverá animar, encorajar, desafiar para favorecer as descobertas, tomada de consciência, favorecendo desta maneira a formação de estruturas do pensamento a partir da ação e da criação (p.10).

Tudo isso, o professor deve saber ao entrar em uma escola ou um clube para desempenhar suas funções. Há um ponto em comum citado pelos vários autores relacionados: o envolvimento da criança em atividades de movimentos básicos, de uma forma eminente lúdica, onde o orientador tem o papel de colocar situações e esperar respostas desejáveis.

4. RESULTADOS

Sujeitos: Foram entrevistados 61 atletas, registrados na Federação Paranaense de Futebol de Salão, categoria adulta, participantes do Campeonato Metropolitano Adulto de 1996. A média de idade ficou em 22,95, D.P.= 5,30. Destes 61 atletas 0,01% é infanto-juvenil (1 atleta), 34,4% são juvenis (21 atletas) e 63,9% são adultos (39 atletas):

Gráfico 1- Idade dos atletas



O levantamento dos questionários respondidos apresentou os seguintes resultados:

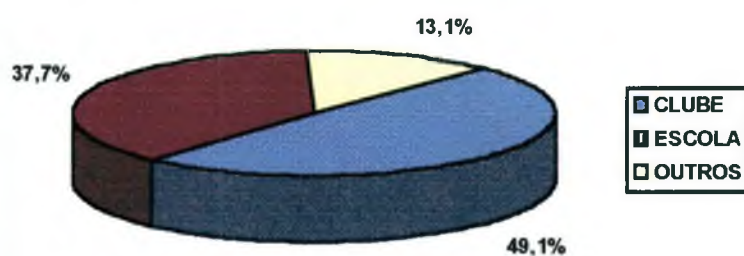
Questão 1: Onde você teve seu primeiro contato com o FUTSAL?

37,7 % (23 atletas) disseram ter sido na escola

49,1 % (30 atletas) disseram ter sido no clube

13,1 % (08 atletas) disseram ter sido em outro lugar

Gráfico 2- Primeiro contato com o FUTSAL



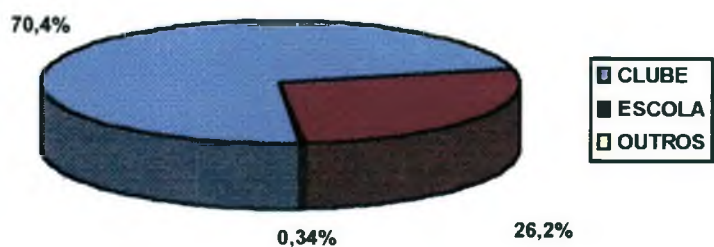
Questão 2: Onde você teve seu primeiro contato com o esporte organizado?

26,2 % (16 atletas) disseram ter sido na escola

70,4 % (43 atletas) disseram ter sido no clube

0,34 % (02 atletas) disseram ter sido em outro lugar

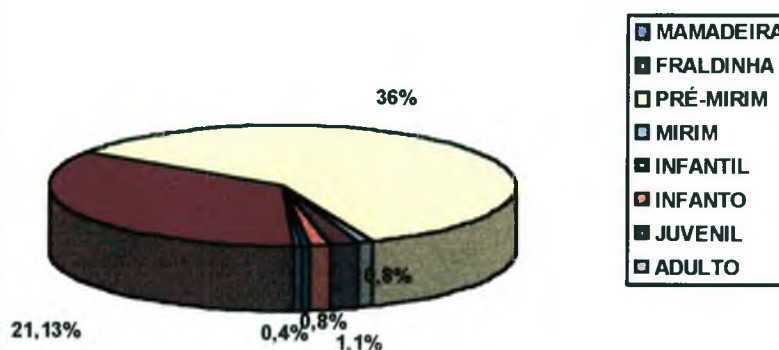
Gráfico 3- Primeiro contato com o esporte organizado



Questão 3: Em que categoria iniciou na modalidade?

36 % disseram ter iniciado na categoria pré-mirim
 21,13 % disseram ter iniciado na categoria fraldinha
 0,8 % disseram ter iniciado na categoria mirim
 0,8 % disseram ter iniciado na categoria infanto-juvenil
 1,1 % disseram ter iniciado na categoria infantil
 0,4 % disseram ter iniciado na categoria juvenil
 0,4 % disseram ter iniciado na categoria adulta
 0,4 % disseram ter iniciado na categoria mamadeira

Gráfico 4- Categoria que iniciou na modalidade



Questão 5: Já sofreu algum tipo de lesão em decorrência de sobrecarga de treinamento? Qual?

29 responderam que já tiveram lesões, sendo que as mais citadas foram: distensões (14) e problemas no joelho (6).

Questão 6: Quanto tempo ficou afastado por este motivo?

Estas respostas foram muito diversificadas, pois dependiam de muitas variantes como, por exemplo, o tipo de lesão, o tratamento, etc.

Questão 7: Teve alguma intervenção cirúrgica resultante de lesão adquirida em treinos ou jogos?

15 jogadores sofreram intervenção cirúrgica, sendo que as mais citadas foram as de joelho (5).

5. CONCLUSÕES/SUGESTÕES

1. O número de atletas que ainda não tem idade para esta categoria é expressivo e nos leva a crer na dificuldade dos treinadores em encontrar atletas adultos.
2. O número de atletas que abandonam o esporte é muito grande devido ao pequeno número de atletas que atuam na categoria adulta. Isto vem confirmar as afirmações de DEACON (1978), LEITE (1983), TARGA (1984), CHAVES (1985) e OLIVEIRA (1990).
3. A escola continua sendo um importante local para o conhecimento do esporte e o clube o principal local de especialização precoce.
4. A grande maioria dos atletas atuantes no Campeonato Metropolitano Adulto, iniciaram na categoria pré-mirim, conclui-se que o FUTSAL, teve um grande número de novos adeptos nos últimos anos já que a uma quantidade expressiva destes novos atletas ainda possuem idade para atuar na categoria juvenil e confirmando também que muitos iniciam cedo na atividade, pois são atletas dotados de anos de experiência.
5. Sugerimos que o trabalho a ser desenvolvido com crianças deve desvincular-se dos objetivos da competição propriamente dita e ter um cunho pedagógico, onde as crianças não sejam exploradas para render títulos e honras para clubes e dirigentes. O trabalho deve procurar o espírito de cooperação através de brincadeiras e jogos onde as crianças desenvolver-se-ão naturalmente em busca de uma aprendizagem eficiente do esporte, tomando gosto pela mesma sem prejuízos seu potencial de desenvolvimento orgânico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994.
- CHAVES, R. S. O treinamento, a especialização e a competição para a criança. **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, v. III, n.(02, março/abril, 1985.p.74-77.
- Confederação Brasileira de Futebol de Salão. **Regras Oficiais de FUTSAL**. Sprint. 1995.
- COSTA, M. R. F. Competição para crianças: uma abordagem desenvolvimentista. **SYNOPSIS**: Revista do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Vol. V, Ano V 1994.
- DEACON, O. W. Aspectos psicológicos y fisiológicos de la competencia deportiva intensa en lo niños. **Stadium,9(51)**: 21-23,1975
- DUARTE, O. **Todos os esportes do mundo**. São Paulo: Makron Books. 1996.
- FARINATTI, P. T. **Criança e atividade física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- FIGLIARESI, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**. Curitiba, v.1, n.(02, 1989.
- GUEDES, D. P. Educação física escola: uma proposta de promoção de saúde. **Revista da Fundação de dos Professores de Educação Física de Londrina**, v. 7, n. 14, janeiro, 1993.
- LEITE, M. M. Implicações da prática desportiva precoce no crescimento e desenvolvimento infantil. **Boletim FIEP**, Brasília, v. 53, n.(01, março, 1993.

- LIMA, T. A. A eliminação desportiva precoce. **Treino Desportivo**, 2(14):25-32,1989.
- LUCENA, R. **FUTSAL e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint. 1993.
- MATTOS, M. G. de. Iniciação desportiva: uma abordagem teórica. **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 40, novembro de 1988.
- MUTTI, D. **FUTSAL - arte e segredos**. 2a.edição. São Paulo: Hemus.1994.
- NAHAS, M. V. A competição e a criança. **Comunidade esportiva**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 15, agosto de 1981.
- NEGRÃO, C. E. As mini-competições. **Caderno De Pesquisa**. São Paulo (34): 29-33,agosto,1980.
- NELSON, M.A. Developmental skills and children's sports. **Phis Sportsmed**. Vol.17, n(02. 1991.p. 67-69.
- OLIVEIRA, A. R. Aspectos psicossociais da criança nos EUA. **Revista da Associação dos Professores de Londrina**. Vol. VIII, n.15, 1993, p. 20-25.
- ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce. **Revista Sprint**, Rio de Janeiro, Vol. III, n(02, março/abril,1985. p.56-64.
- THOMPSON, A. **Manual de orientação para preparo de monografia**.Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- TRINDADE, R. A educação psicomotora aplicada à natação. **Nadar**, São Paulo, setembro, 1990, Vol. V, n(30, p.10.
- VARGAS, A. L. **Desporto fenômeno social**. Rio de Janeiro. Sprint, 1993.
- WEINECK, J. **Manual do treinamento desportivo**. São Paulo: Manole. 1986.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO

Questionário apresentado para os atletas das equipes de FUTSAL de Curitiba, atuantes no Campeonato Metropolitano Adulto de 1996.

Nome:

Data de Nascimento:

Clube:

1. Onde você teve seu primeiro contato com o “FUTSAL”?

na escola no clube outro local

2. Onde você teve seu primeiro contato com o esporte organizado?

na escola no clube outro local

3. Em que categoria iniciou na modalidade?

mamadeira fraldinha pré-mirim
 mirim infantil infanto-juvenil
 juvenil adulto outra

4. Em que ano foi?

()

5. Já sofreu algum tipo de lesão em decorrência de sobrecarga de treinamento?

sim não

Qual?.....

6. Quanto tempo ficou afastado das quadras por este motivo?

.....

7. Teve alguma intervenção cirúrgica resultante de lesão adquirida em treinos ou jogos?

sim não

8. Por quanto tempo ficou afastado das quadras no total?

.....

9. Para você existe importância na iniciação desportiva do "FUTSAL", em idades inferiores a 12 anos?

sim não

Por quê?.....